



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA
ISSN 2525-3441

REVISTA AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA
V. 8, N.23, P.266-282
DOI: 10.18764/2525-3441V8N23.2023.30

UMA LEITURA DISCURSIVA DE A TRISTE PARTIDA *A DISCURSIVE READING OF "A TRISTE PARTIDA" (THE SAD DEPARTURE)*

Valnecy Oliveira Corrêa Santos

<https://orcid.org/0000-0002-4906-0245>

Alexia da Silva dos Santos

<https://orcid.org/0009-0009-9117-8843>

Resumo: A literatura de cordel é representante da cultura popular brasileira e, principalmente, da nordestina. Um dos seus maiores e mais reconhecidos representantes é Antônio Gonçalves da Silva, Patativa do Assaré. Sua obra poética apresenta fortes marcas de regionalidade e por meio de uma linguagem simples, narra situações cotidianas e comuns do sertão nordestino. Considerando esses aspectos, este trabalho tem como objeto a escrita poética de A triste partida, cuja temática é a emigração do nordestino para o sudeste do Brasil. Por meio desta análise, aspiramos responder ao questionamento, como é retratado o nordestino retirante no discurso poético da A triste partida de Patativa do Assaré? O objetivo desta leitura é analisar, por meio da constituição discursiva da imagem do retirante nordestino, como o discurso de crítica social se materializa no poema. Como objetivos específicos pretendemos reconstituir a imagem do nordestino retirante no cordel, tendo como referência o conceito de formação imaginária; investigar se outros discursos atravessam o discurso sobre a imigração no cordel A triste Partida; e por fim examinar se discurso de denúncia social mostra-se no cordel. O corpus é constituído pelo poema A triste Partida que foi analisado com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso. Assim, fundamentam esta pesquisa Pêcheux (2009, 2014, 2015, 2015a, 2016), Orlandi (2012, 2012a) e Brandão (2004). Ao realizarmos a leitura do poema, observamos a presença de diferentes discursos como o religioso, o de classe, o patriarcal e da emigração, em passagens do poema que expressam crenças e experiências vivenciadas pelo sujeito.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Leitura; Formação imaginária; Interdiscursos.

.Abstract: The cordel literature is representative of Brazilian popular culture, especially from the Northeast. One of its greatest and most recognized representatives is Antônio Gonçalves da Silva, known as Patativa do Assaré. His poetic work presents strong marks of regionalism and, through a simple language, narrates everyday situations and common aspects of the Northeastern hinterland. Considering these aspects, this work aims to analyze the poetic writing of "A triste partida" (The Sad Departure), whose theme is the emigration of Northeastern people to Southeastern Brazil. Through this analysis, we aim to answer the question: how is the Northeastern migrant portrayed in the poetic discourse of "A triste partida" by Patativa do Assaré? The objective of this reading is to analyze, through the discursive constitution of the image of the Northeastern migrant, how the discourse of social criticism materializes in the poem. As specific objectives, we intend to reconstitute the image of the Northeastern migrant in cordel, using the concept of imaginary formation as a reference; investigate if other discourses cross the discourse about immigration in the cordel "A triste partida"; and finally, examine if the discourse of social denunciation is present in the cordel. The corpus consists of the poem "A triste partida", which was analyzed based on the theoretical-methodological assumptions of Discourse Analysis. Thus, this research is based on the works of Pêcheux (2009, 2014, 2015, 2015a, 2016), Orlandi (2012, 2012a), and Brandão (2004). While reading the poem, we observed the presence of different discourses such as religious, social class, patriarchal, and immigration, in passages of the poem that express beliefs and experiences lived by the subject.

Keywords: Discourse Analysis; Reading; Imaginary formation; Interdiscourses.



INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte do trabalho de conclusão de curso em fase de desenvolvimento no curso de Letras, do Centro de Ciências de Bacabal (CCBa) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) cujo objeto é a escrita poética. Em nossa pesquisa, pretendemos observar, sob o viés da Análise de Discurso (AD) pecheuniana, como a imagem discursiva do nordestino retirante é apresentada nos textos de dois cordéis de Patativa do Assaré – *A Triste Partida* e *Emigração* – cujas temáticas são a emigração do nordestino para o sudeste do Brasil, movido pela ideologia de “melhores” condições de vida.

Neste recorte, lemos *A Triste Partida* e analisamos de que forma o discurso de crítica social se materializa no poema. O texto do artigo está organizado em três seções. Na primeira, apresentamos os fundamentos para a leitura, que tem como referência a AD, partindo do viés materialista pecheuniano, o qual considera que a língua é a forma do homem significar e significar-se sócio-histórico e culturalmente, sendo assim concebida como uma mediação entre o homem e a sociedade e, discursivamente, atravessada pelo espaço da manipulação de significações e pelo da transformação de sentidos.

Na segunda seção, tratamos dos procedimentos de análise. Considerando as materialidades discursivas, buscamos as possibilidades de leitura e interpretação para responder ao questionamento de base nesta pesquisa – como é retratado o nordestino retirante no discurso poético de *A triste partida* de Patativa do Assaré? – e alcançar o objetivo pretendido: analisar, por meio da constituição discursiva da imagem do retirante nordestino, como o discurso de crítica social se materializa no poema. Para tanto, três objetivos específicos nos guiaram durante a análise: (i) reconstituir a imagem do nordestino retirante no cordel, tendo como referência o conceito de formação imaginária; (ii) investigar se outros discursos atravessam o discurso sobre a imigração no cordel *A triste Partida*; e por fim (iii) examinar se discurso de denúncia social mostra-se no cordel.

Na última seção, denominada “Uma leitura de *A triste partida*”, apresentamos os resultados obtidos através da análise do poema, os caminhos de interpretação e leitura que possibilitaram a (re)construção discursiva e de sentidos presentes no texto. Reiteramos que este artigo contém uma análise inicial do trabalho de pesquisa que se encontra em desenvolvimento.

FUNDAMENTOS PARA A LEITURA



A leitura que apresentamos do poema *A triste partida* tem como princípio norteador a perspectiva de que o dizer é sempre um espaço ocupado por outros dizeres e de que o sujeito que diz é constituído sócio-histórico e culturalmente (PÊCHEUX, 2009). Nessa perspectiva, Brandão (2004) afirma que, segundo a AD, a língua é a forma que o homem tem para significar e significar-se no mundo, ao utilizar a língua/linguagem, seja falando ou escrevendo, o homem produz sentidos histórico e socialmente, sobre si e sobre o mundo, o ambiente em que se encontra.

Com base nesse pressuposto, a leitura em AD considera a relação entre o homem e o contexto social em que se encontra, relação sempre mediada pela linguagem e nela sempre há discurso(s), por meio do qual se constroem sentidos. O discurso exprime, assim, a realidade do sujeito que o produz. Nessa relação, o sujeito, por ser parte de uma realidade social, pode ser interpelado por diferentes discursos.

Pêcheux (2015, p. 51) considera que a língua é atravessada por dois espaços discursivos: “o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações de sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido”. Nessa perspectiva, as palavras não têm um sentido previamente estabelecido, pois o sentido se constrói sócio-historicamente. A materialidade textual é que irá dizer quais os sentidos, quais discursos estão contidos no texto. O que, segundo Orlandi (2012, p. 115), é a “materialização dos significantes na historicidade”, no modo em que estão dispostos no tempo e no espaço, uma vez que o discurso se posiciona no texto e, por meio dele, revela o que Orlandi (2012, p. 115) denomina de “jogo ideológico”.

O processo de materialização do discurso ocorre, segundo Pêcheux (2015), em espaços denominados formações discursivas (FD). Para compreender o que são esses espaços, podemos lembrar os Aparelhos ideológicos do Estado (AIE) apontados por Althusser (1985). A igreja, por exemplo, é compreendida por Althusser como AIE. É, principalmente, nesse espaço, que o discurso religioso é produzido e se sustenta, mas não é apenas na igreja que ele circula, mas em vários outros ambientes e de diferentes formas. Esses espaços discursivos são os das formações discursivas. Corrêa-Santos (2020) compara o espaço das FD com galhos que fazem

parte de uma mesma árvore, a da formação ideológica. O discurso religioso está na base da formação ideológica, já os



diferentes discursos que se constituem a partir dele (os que se alinham e os que se opõem, por exemplo) circulam nas FD.

Assim, em relação a construção de sentidos em um discurso, as ligações e interações entre uma e várias outras formações discursivas ou ainda entre um e outros discursos devem ser levadas em conta. Tais ligações ocorrem na estrutura linguística do dizer (intradiscurso) e em sua subjacência, no não-dito (interdiscurso).

No exterior de um discurso e dentro de uma dada FD, o intradiscurso encontra-se no nível da formulação do dizer, pois ele junta e organiza os sentidos dispersos na FD em que se encontra. Segundo Courtine, esse nível de formulação

refere-se ao 'estado terminal do discurso' onde os enunciados manifestam certa 'coerência visível horizontal'. Trata-se do intradiscurso em que a sequência discursiva existe como discurso concreto no interior do 'feixe complexo de relações' de um sistema de formação (COURTINE, 1981, p. 40 apud BRANDÃO, 2004, p. 52).

269 Numa dada FD, as relações intradiscursivas apresentam-se como um discurso concreto e como um conhecimento objetivo, ao qual o sujeito que o (re)produz considera-se, mas não é, a fonte inicial, pois o que ele diz já foi dito antes, é conhecimento pré-construído. O sujeito é responsável, assim, por estruturar o dizer, o novo está no como diz, não, necessariamente, no que diz.

O interdiscurso é do nível da constituição. Nele, os vários discursos presentes em uma FD se cruzam, relacionam-se e se misturam uns aos outros, segundo Maingueneau (1984) é um "espaço de trocas". Se pensarmos no discurso religioso e termos como referência um sujeito que afirma não crer no cristianismo, mas em uma dada situação diz "com fé em Deus", entendemos a presença desse dizer como resultado das interpelações ideológicas do discurso religioso que emerge na fala do sujeito por ação do inconsciente, do interdiscurso. O discurso religioso cristão, nesse caso, está presente mesmo quando o sujeito o nega. Nessa relação, o interdiscurso é imanente.

Brandão (2004, p. 89) interpreta o interdiscurso como "o espaço de regularidade pertinente, do qual os diversos discursos, não seriam senão componentes. Esses discursos teriam a sua identidade estruturada a partir da relação interdiscursiva e não independentes uns dos outros para depois serem colocados em relação". Isso porque um discurso sempre vai ser atravessado por outro, pois é constituído a partir de um já-dito. O discurso será sempre um

lugar de reprodução, em que um mesmo sujeito pode e vai reproduzir vários ou o mesmo discurso e eles, em algum momento, atravessarão uns aos outros.



Dentro de uma dada FD, no intradiscurso, o sujeito procurará determinar-se como sujeito de um discurso, simulando o interdiscurso no intradiscurso o que seria uma “forma-sujeito”, segundo Pêcheux (2009), efeito ao qual o sujeito é afetado pela ideologia. Nesse processo, esse sujeito se constitui no intradiscurso (esquecimento nº 2) pelo interdiscurso (esquecimento nº 1).

O esquecimento nº 1 (Efeito de identificação, que acontece no interdiscurso), no qual o sujeito cria uma realidade ilusória de que ele é a origem do que diz, a fonte única do sentido do discurso, que na verdade ele reproduz (BRANDÃO, 2004). Voltando ao exemplo do discurso religioso, quando ouvimos um sermão religioso feito com base em um texto bíblico, a impressão é de que o dizer provém do sujeito que fala, mas ele apenas retoma o que já foi dito sobre o texto, de uma maneira subjetiva.

No esquecimento nº 2 (Efeito sujeito, que acontece no intradiscurso), o sujeito retoma o seu discurso para explicar a si mesmo o que diz, tendo a ilusão de que o discurso que reproduz, reflete o conhecimento objetivo que ele tem da realidade (BRANDÃO, 2004). No caso do sermão, o sujeito utiliza de marcas de subjetividade que deixam a ilusão de sujeito fonte, eu digo, eu penso etc.

Na relação entre os esquecimentos, o sujeito projeta seu dizer e nisso também considera o sujeito para quem diz, constituindo o que Pêcheux (2014) denomina de formação imaginária. Trata-se de um jogo de imagens construídas pela ideologia e expressas pelo discurso, por meio das quais, o sujeito é influenciado a significar e interpretar, a marcar sua identificação, o Efeito sujeito, segundo o qual é levado a construir imagens ideológicas e discursivas que não são suas, e que, contudo, acredita ser a fonte objetiva e de origem. Isso, Pêcheux (2009, p. 168) denomina como uma “forma-sujeito”.

A forma-sujeito se revela pelo efeito da repetição, pois os discursos se impõem e o sujeito os repete. Um exemplo é o enunciado “o aborto é um crime”, que foi bastante repetido no Brasil, no cenário político das eleições presidenciais de 2022, o qual se associou ao discurso religioso e se tornou uma bandeira de campanha de

um dos candidatos. Na repetição do enunciado, não é apenas o linguístico que é reiterado, mas todo o discurso constituído ao longo dos tempos sobre o aborto. O sujeito que diz “o aborto é



um crime” também retoma, discursivamente, o que se tem dito sobre o aborto ao longo dos séculos. A forma como o enunciado aparece na enunciação define a posição do sujeito ao proferi-lo.

Com base no exposto, partimos para a leitura do poema *A triste partida* e, ao fazê-la, reiteramos que a análise dos discursos nele presentes toma como referência os conceitos da AD, bem como a concepção de que há um sujeito que diz no texto e, em seu dizer, materializa discursos.

PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Na pesquisa fonte deste estudo, analisamos dois cordéis do autor cearense Patativa do Assaré, *A triste partida* e *Emigração*, em que o autor narra a saga das famílias nordestinas que deixam sua região fugindo da seca e em busca de um “futuro melhor” para si e os seus no sudeste do Brasil. Neste recorte, analisamos apenas o cordel *A triste partida*.

O cordel *A triste partida* é formado por 19 estrofes, cada uma com 8 versos. Foi composto por Patativa do Assaré, em 1964, quando foi musicado por Luiz Gonzaga e lançado como música. Sua publicação em um livro do cordelista ocorreu pela primeira vez em 1978, no livro *Cante lá que eu canto cá* (1978-2014) sendo republicado ainda em diversos outros livros do autor como *Inspiração nordestina* (2006), *Ispinho fulô* (2005), *Melhores poemas* (2006) e *Cordel* (2012). O texto do poema encontra-se na íntegra no início do tópico 3.

A leitura do texto, que passa a ser considerado o *corpus* de análise, fundamentou-se na abordagem teórica da Análise do Discurso (AD) – teoria e método de leitura. Os autores que fundamentam a análise são Pêcheux (2009, 2014, 2015, 2015a, 2016), Orlandi (2012, 2012a) e Brandão (2004).

Guiado, principalmente, pela vertente de Pêcheux, este estudo utiliza como método de leitura e análise o processo que envolve quatro operações – “recortar, extrair, deslocar, reaproximar [...] leitura que se poderia designar como leitura-trituração” (PÊCHEUX, 2016, p. 25). Com base na reconstituição desses processos, procuramos encontrar os caminhos para compreender as ligações entre os enunciados do texto e as relações que se estabelecem entre eles para formar os discursos, com atenção às imagens, temas e figuras que se mostram no emaranhado do texto.



Nessa perspectiva, a análise considerou as marcas deixadas na materialidade do texto, as formas que o sujeito usou para ressignificar e parafrasear um já-dito e como ele retomou e reescreveu discursos para balizar e sustentar seu próprio discurso. Dessa maneira, investigamos como é retratado o nordestino retirante no discurso poético de Patativa do Assaré, para tanto procuramos “cercar o sentido de uma sequência (de extensão indeterminada) por meio de suas possibilidades de substituição, comutação e paráfrase” (LEON; PÊCHEUX, 2015a, p. 165).

Assim, em nossa análise, buscamos as possibilidades de leitura e interpretação para depreender discursos por meio do linguístico. Nessa perspectiva, organizamos a leitura em três etapas. Na primeira, reconstituímos a imagem do nordestino retirante no cordel, tendo como referência o conceito de formação imaginária; na segunda, investigamos se outros discursos atravessam o discurso sobre a imigração no cordel *A triste partida*; e, por fim, examinamos se o discurso de denúncia social mostra-se no cordel. Na seção que segue, apresentamos a análise.

UMA LEITURA DE A TRISTE PARTIDA

272

O cordel *A triste partida* trata do êxodo de uma família nordestina rumo ao sudeste do Brasil, acontecimento muito comum durante os grandes períodos de seca que a região nordeste enfrentou e enfrenta ainda hoje. É motivado pela seca que o “pai de família”, protagonista do poema, decide sair do Nordeste com sua família e com o pouco que tem, em busca de “melhores” perspectivas de vida. Chegando ao seu destino, percebe que aquilo que ele pretendeu para sua família e para si não foi alcançado e que estando agora em um lugar desconhecido e longe da sua terra, encontrou outras dificuldades tão cruéis quanto as que a seca lhes trouxe no passado, por isso, ao final do poema ele lamenta não poder voltar para o seu “torrão natal” e sonha com o dia em que chegue notícias de chuva para que eles possam retornar com a esperança de poder sobreviver em sua terra natal. A seguir o cordel na íntegra.



Passou-se setembro

outubro e novembro
estamos em dezembro meu
deus que é de nós?
assim diz o pobre
do seco Nordeste
como medo da peste
e da fome feroz

A treze do mês
fez a experiência
perdeu sua crença
nas pedras de sal
com outra experiência
de novo se agarra
esperando a barra
do alegre Natal

Passou-se o Natal
e a barra não veio
o sol tão vermeio
nasceu muito além
na copa da mata
buzina a cigarra
ninguém vê a barra
pois barra não tem

Sem chuva na terra
descamba janeiro
até fevereiro
no mesmo verão
reclama o roceiro
dizendo consigo:
meu Deus é castigo
não chove mais não

Apela pra março
o mês preferido
do santo querido
senhor São José
sem chuva na terra
está tudo sem jeito
lhe foge do peito
o resto da fé

Assim diz o velho
sigo noutra trilha
convida a família
e começa a dizer

Cordel *A Triste Partida*

eu vendo o burro
o jumento e o cavalo
nós vamos a São Paulo
viver ou morrer

Nós vamos a São Paulo
que a coisa está feita
por terra alheia
nós vamos vagar
se o nosso destino
não for tão mesquinho
pro mesmo cantinho
nós torna a voltar

Venderam o burro
jumento e cavalo
até mesmo o galo
venderam também
e logo aparece
um feliz fazendeiro
por pouco dinheiro
lhe compra o que tem

Em cima do carro
se junta a família
chega o triste dia
já vão viajar
a seca é terrível
que tudo devora
lhe bota pra fora
do torrão natá

No segundo dia
já tudo enfadado
o carro embalado
veloz a correr
o pai de família
triste e pesaroso
um filho choroso
começa a dizer

De pena e saudade
papai, sei que morro
meu pobre cachorro
quem dá de comer?
e outro responde:
mamãe, o meu gato
de fome e maltrato
mimi vai morrer

A mais
pequena
tremendo de
medo

UMA LEITURA DISCURSIVA
DE A TRISTE...
Afluente, UFMA/CCEL, v.9, n.23,
p. 266-282, jan/jul de 2023
ISSN 2525-3441

mamãe, meu brinquedo
e meu pé de fulô
e minha roseira
sem água ela seca
e minha boneca
também lá ficou

Assim vão deixando
com choro e gemido
seu norte querido
um céu lindo azul
o pai de família
nos filhos pensando
o carro rodando
na estrada do sul

O carro embalado
no topo da serra
olhando pra terra
seu berço seu lar
aquele nortista
partido de pena
de longe acena
adeus, Ceará

Chegaram em São Paulo
sem cobre e quebrado
o pobre acanhado
procura um patrão
só vê cara feia
de uma estranha gente
tudo é diferente
do caro torrão

Trabalha um ano
dois ano mais ano
e sempre no plano

de um dia inda
vim
o pai de família
triste maldizendo
assim vão
sofrendo
tormento sem fim



O pai de família
ali vive preso
sofrendo desprezo
e devendo ao patrão
o tempo passando
vai dia e vem dia
aquela família
não volta mais não

Se por acaso um dia
ele tem por sorte
notícia do Norte
o gosto de ouvir
saudade no peito
lhe bate molhos
as águas dos olhos
começam a cair

Distante da terra
tão seca mas boa
sujeito à garoa
à lama e ao paú
é triste se ver
um nortista tão bravo
viver sendo escravo
na terra do Sul.



Com uma estrutura composicional com predominância narrativa, A triste partida inicia com o lamento sertanejo devido à falta de chuva e termina com uma descrição de como vive o retirante longe de seu território. No cordel, observamos a presença de um narrador. É ele quem mostra a trajetória dos retirantes que fogem da situação da seca. Em alguns versos, a fala do nordestino é observada por

meio de discurso direto, conforme nos mostram os quatro primeiros versos da primeira estrofe: “Passou-se setembro / outubro e novembro / estamos em dezembro meu / deus que é de nós?” (versos 1 a 4, estrofe 1). A fala do narrador é observada nos dois últimos versos da mesma estrofe, com verbo de elocução, dizer: “assim diz o pobre do seco Nordeste” (verso 5, estrofe 1). Ao observar essa estrutura, concluímos a presença de dois sujeitos no texto – o narrador e o retirante. Considerando que, ao falarmos de sujeito, referimo-nos a uma posição enunciativa, compreendemos que todos os membros da família retirante podem ocupar essa posição de retirante, ou seja, constitui o mesmo sujeito.

275

O sujeito retirante é apresentado como uma pessoa simples, com linguagem caracterizada por recursos de oralidade, como a redundância, no verso, “não chove mais não” (verso 8, estrofe 4); com marcas de variação regional como exemplificam os versos “quem dá de comer?” e “o sol tão vermeio”. O narrador o descreve como “pobre” (verso 5, estrofe 1); alguém que sente medo (verso 7, estrofe 1); como sujeito de fé, que faz experiências e utiliza seus conhecimentos para prevê os ciclos produtivos que, infelizmente, não chegam (estrofe 2 a 5). Em contrapartida, também é alguém que tem coragem e esperança, quando decide mudar de rumo da sua vida saindo do Nordeste para São Paulo: “nós vamos a São Paulo / viver ou morrer” (versos 7 - 8, estrofe 6).

Com base nessa primeira apresentação, buscamos reconstituir a imagem do nordestino retirante no cordel, tendo como referência o conceito de formação imaginária e o espaço ocupado por A, o sujeito retirante. Esse espaço consiste, segundo Pêcheux (2014, p. 82), a imagem que o sujeito constrói de seu próprio lugar e do lugar do outro. Nesta análise, buscamos observar a imagem do sujeito nordestino colocado na posição de sujeito retirante, que, na fórmula apresentada por Pêcheux (2014, p. 82) equivale a IA(A). Para reconstituir essa imagem, utilizamos os versos do poema em que se observa a presença de discurso direto, por ser os momentos em que o sujeito retirante é também o sujeito que diz no texto. Para o narrador, sujeito B no esquema de formações

imaginárias, esse sujeito assume a posição de referente, pois é sobre ele e sobre suas vivências que o narrador fala IB(R).

Na estrofe 1, o sujeito apresenta-se como sujeito que fala e, nisso, confirma a imagem criada pelo narrador, de que é um sujeito de crença – “Deus que é de nós?” (verso 4, estrofe 1); “Meu Deus é castigo” (verso 7, estrofe 4). Essa imagem nos mostra um sujeito interpelado pelo discurso religioso cristão, que atribui à figura divina a responsabilidade e a capacidade de prover uma resolução para a questão da falta de chuva. Assim, considerando IA(A), nos dois versos, o sujeito retirante assume o discurso religioso cristão e se vê como tal, assume a posição de servo, suplica no verso 4, estrofe 1, e é passível de castigo no verso 7, estrofe 4.

Esse sujeito, quando na condição de referente IB(R), aparece como interpelado também pelo discurso religioso, ele faz experiências com pedra de sal – “A treze do mês / fez a experiência” (versos 1 e 2, estrofe 2) – e espera a barra do natal – “com outra experiência / de novo se agarra / esperando a barra / do alegre Natal.”. A primeira é realizada véspera da data que celebra uma das santas da igreja católica – Santa Luzia. Trata-se de um costume antigo no sertão, os agricultores costumavam fazer esse ritual com seis pedras de sal, cada uma representando os meses do ano – janeiro a junho – equivalentes ao período de chuvas no sertão. Já a barra do natal está relacionada à posição da lua nova, o que reporta ao período – no natal é celebrado o nascimento de Jesus Cristo, símbolo do cristianismo – mas também à observação da natureza pela sabedoria popular. A IA(A) e a IB(R) encontram-se em relação à formação ideológica, observada pelo discurso religioso, porém em diferentes formações discursivas, não há total unidade entre o discurso religioso do servo, o discurso religioso que faz experiências com pedras de sal e o discurso religioso de observação e análise da lua nova pela sabedoria popular, uma vez que a relação com as pedras de sal e com a observação da lua trazem a memória as experiências já consideradas pagãs, associadas à crenças politeístas.

Na estrofe 6, o sujeito começa a constituir, no texto, a sua imagem como retirante. No verso “sigo noutra trilha” (verso 2, estrofe 6), apresenta a necessidade de sair do ambiente em que se encontra e planeja a ação, “eu vendo o burro / o jumento e o cavalo / nós vamos a São Paulo / viver ou morrer” (versos 5, 6, 7 e 8, estrofe 6). Nesses versos, o sujeito começa a projetar em si a imagem de retirante, IA(A). Na estrofe 7, nos versos 1-8 – “Nós vamos a São Paulo / que a coisa está feita / por terra alheia / nós vamos vagar / se o nosso destino / não for tão mesquinho / pro mesmo cantinho / nós torna a





voltar”, a imagem de retirante se consolida por meio de termos como “terra alheia” e “vagar” que sustentam a perspectiva do ser retirante, alguém que sai de sua terra, sem um destino definido. A definição do destino – São Paulo – mostra o discurso de sudeste, como região fértil, desenvolvida e próspera, o que de certa forma remete ao discurso religioso cristão, segundo o qual há um lugar onde a felicidade é possível, uma terra prometida.

Essa imagem IA(A), embora seja uma construção presente na fala da personagem, por meio do discurso direto, é atravessada por outro discurso que, de certa forma, interfere na imagem que vinha sendo apresentada pelo narrador IB(R), de sujeito com linguagem caracterizada por marcas de variação regional. Essa afirmação é baseada no verso “Nós vamos a São Paulo” cuja regência se distancia do falar sertanejo presente no verso 8 da estrofe 7, por exemplo: “nós torna a voltar”. Compreendemos a presença desse verso como uma marca de atravessamento discursivo, ou seja, presença do interdiscurso, pois embora o narrador utilize o discurso direto, este contém marcas de discurso outro, como indicia a regência do verbo ir, no verso em análise. Isso nos faz perceber que a imagem de A em A – IA(A) – é uma construção de B, o narrador – IB(R). A imagem do retirante, mesmo quando aparece em forma de discurso direto é uma construção do narrador.

Nas estrofes 11 e 12, quem se apresenta como sujeito falante são as crianças filhas dos retirantes que também projetam em si a imagem de retirante, IA(A), através do lamento e pesar por sua partida do Ceará. Nos versos 2, 3 e 4 da estrofe 11, o sujeito apresenta-se como alguém que sofre pela partida – “De pena e saudade / papai, sei que morro / meu pobre cachorro / quem dá de comer?” (versos 2, 3 e 4), lamenta pelo animal que teve de abandonar – “mamãe, o meu gato / de fome e maltrato / mimi vai morrer” (estrofe 11, versos 6, 7 e 8) e – “mamãe, meu brinquedo / e meu pé de fulô / e minha roseira / sem água ela seca / e minha boneca / também lá ficou” (versos 3-8, estrofe 12). Esses versos reiteram a imagem do retirante, alguém que foi forçado pelas circunstâncias a ir embora, a abandonar objetos pessoais, o brinquedo, a boneca; plantas – o pé de fulô, a roseira – e animais de estimação – o cachorro e o gato.

A imagem constituída de IA(A) é, assim, a de um sujeito dividido entre a fé e a razão, a realidade vivida e a esperança do novo, a coragem e o medo. O que nos faz pressupor que este sujeito foi interpelado por diferentes discursos. O que passamos a analisar a partir desse ponto, quando buscamos, nesse segundo momento, investigar quais

outros discursos atravessam o discurso sobre a imigração no cordel, para isso tomamos como referência os conceitos de intradiscorso e interdiscorso presentes em AD.

O discurso sobre a imigração é apresentado, no cordel, como vimos, por meio da narração e por meio do discurso direto, que exprimem o discurso de retirante, no qual o sair da terra natal é uma necessidade, não um desejo. O verso 4, estrofe 14 nos leva a esse entendimento, a terra natal é comparada à berço, lar, termos que trazem consigo valores afetivos, não é apenas o local onde se mora. O narrador apresenta o retirante como alguém que sofre por deixar sua terra, um sujeito “partido de pena” (verso 6, estrofe 14) que deixa sua terra com “choro e gemido” (verso 2, estrofe 13).

No relato sobre a imigração, o narrador faz emergir outros discursos. Um deles é o de classe. Na primeira estrofe, o narrador caracteriza o retirante como “pobre” (verso 5). Na estrofe 8, verso 6, o sujeito “vende” seus bens a um fazendeiro e, ao chegar a São Paulo, procura um patrão: “o pobre acanhado / procura um patrão” (versos 3-4, estrofe 15). Nessas passagens, a escolha lexical mostra a diferença de classe que se mantém da retirada da terra natal (estrofe 9), à chegada a São Paulo (estrofe 15), até à permanência como operário: “O pai de família / ali vive preso / sofrendo desprezo / e devendo o patrão” (versos 1-4, estrofe 17). Nesse discurso de classe, observamos a referência ao conceito de mais-valia, pois é um trabalhador que não recebe o valor justo por seu trabalho: “viver sendo escravo / na terra do Sul” (versos 7-8, estrofe 19), um sujeito que, segundo o narrador, está fadado a dever o que tem ao patrão pois suas necessidades básicas não são supridas pelo “salário” que recebe, vive “sofrendo desprezo / e devendo o patrão” (versos 3-4, estrofe 17).

Na estrofe 6, verso 7 – “nós vamos a São Paulo”, a representação da fala do retirante com uso de discurso direto é marcada pelo discurso da norma, isso ocorre no nível do interdiscorso, através do esquecimento, o enunciado que constitui o verso, considerando os demais, descaracteriza o sujeito que diz fazendo-o reproduzir uma regência que comumente ele não usaria. Fato que não se repete na estrofe 7, versos 8 – “Nós torna a voltar”, no qual a flexão verbal não se realiza conforme a norma padrão, o que deixa indício de um atravessamento de outro sujeito no texto, o sujeito autor. Observamos que a caracterização da fala sertaneja é mais marcada nos versos narrados, que nos versos em discurso direto. O sujeito autor

que dá voz ao narrador mostra-se marcado pelo esquecimento, pois busca retratar fidedignamente o sujeito nordestino, retirante, mas desvia essa imagem no plano intradiscursivo,





marcando uma regência incomum ao sujeito retratado. O que faz compreender a presença de um dizer marcado pela ilusão de que o sujeito é a origem do que diz.

No texto, também observamos o discurso patriarcal. A família de retirantes apresenta um formato padrão – pai, mãe e filhos. O pai é quem decide sair do nordeste e ir para o sudeste, é ele quem vende os bens da família. Ele tem voz no texto. As crianças também falam, mas a mãe é apenas inferida nos versos “já outro pergunta / Mãezinha, e meu gato?” (Estrofe 11, verso 6-8); “E a linda pequena / Tremendo de medo / Mamãe, meus brinquedo” (Estrofe 12, versos 1-3). Tais marcas textuais nos mostram o discurso patriarcal, no qual é homem é “chefe da casa”, é o que determina os rumos da família.

É por meio dessa “teia discursiva” em que vários discursos relacionam-se, misturam-se e conversam entre si que nos encaminhamos a refletir a maneira que o cordel nos apresenta a figura do nordestino retirante, por isso, nessa última etapa de análise, examinamos se o discurso de denúncia social mostra-se no texto.

Em *A triste Partida*, a denúncia social se mostra principalmente nas oposições que o poema coloca em sua narrativa. A primeira é a oposição entre a seca e a chuva, em que uma é proposta como metáfora da vida e a outra de não vida. E é por conta dela que o ponto de partida da história contada no cordel ocorre, a situação da seca e nela (ou com ela) a pobreza, as dificuldades, a necessidade, que faz o personagem “pobre” ansiar por chuva, a vida, a esperança para plantar e cultivar o que comer, a possibilidade de ter com a lavoura, o sustento. O discurso de denúncia social se mostra através das condições do meio, pois, o sujeito é alguém que ama a sua terra, mas que não tem condições de subsistência nela.

Essa situação de carência de “chuva”, motiva o sujeito a agarrar-se a crenças. E percebendo que só crer não adiantava, ele procura outro meio, que é emigrar para o Sudeste do Brasil, no verso “sigo noutra trilha” (verso 2, estrofe 6). É o discurso da emigração, alimentado pelo sonho/ideologia de melhores dias, de prosperidade. Discurso que se sustenta pela imagem que de sul/sudeste que foi apresentada ao sujeito, fazendo-o acreditar que a terra prometida existe.

Na circunstância da partida, é manifestada, no poema, uma denúncia a exploração dos roceiros pelos fazendeiros do sertão, nos versos: “e logo aparece/ um feliz fazendeiro/ por pouco dinheiro/ lhe compra o que tem” (versos 5-8, estrofe 8). A exploração decorre pelo oportunismo do fazendeiro para com a condição de carência e necessidade, aproveita-se disso



para comprar-lhes o pouco que tem por um preço abaixo do mercado, já que o “pai de família” precisa do dinheiro para ir embora.

Há ainda a oposição entre o Nordeste e o Sudeste/ Sul. O primeiro é apresentado como um lugar pobre e de sofrimento, uma prisão. Já o segundo é almejado pelo sujeito como um refúgio, uma fuga, lugar onde ele deposita suas esperanças de uma vida melhor. Essa idealização construída pelo sujeito é quebrada nas últimas estrofes, quando ao chegar no sul, ele continua em uma situação de necessidade, é pobre na sua terra, sai dela, mas continua sendo pobre na terra alheia, sendo um sujeito vítima da exploração quando trabalha e recebe menos por sua mão de obra do que mereceria, como observamos em “o pai de família/ ali vive preso/ sofrendo desprezo/ e devendo ao patrão” (versos 1-4, estrofe 17) e em “um nortista tão bravo/ viver sendo escravo” (versos 7-8, estrofe 19). Podemos perceber que mesmo o sujeito estando no lugar tão desejado, encontra-se numa condição igual, a que vivia no Nordeste, sendo explorado e humilhado, tendo necessidades e sentindo-se preso no lugar em que buscou libertar-se da pobreza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem discursiva que podemos reconstituir do sujeito retirante de A triste partida é de alguém marcado por um determinismo social. O sujeito retirante busca melhores condições de vida, sai de seu lugar de origem, mas não as encontra na terra imaginada. A situação de seca e pobreza no Nordeste e a situação análoga à escravidão no sudeste marcam esse determinismo. Apesar de todas as condições para que ele deixasse de existir, luta pela sua sobrevivência e sobrevive nas intemperes.

Essa resiliência característica do personagem do cordel chama-nos a observar uma relação interdiscursiva do poema com outros textos da literatura brasileira. No poema épico I-Juca Pirama, de Gonçalves Dias, os versos “Guerreiros, nasci: / Sou bravo, sou forte, / Sou filho do Norte” conversam com os de Assaré em “é triste se ver / um nortista tão bravo”, retratando a imagem do sujeito sertanejo. Em Os Sertões de Euclides da Cunha, romance regionalista, o narrador define o sertanejo como “antes de tudo, um forte”. Assim como em A triste partida, em Os Sertões, os nordestinos são retratados como pessoas que, apesar das adversidades do local e

das condições em que vivem, conseguem sobreviver ao sertão, mesmo que no caso do cordel, tenham de sair dele, o sertão



passa a ser a metrópole, na qual permanece a escassez. O poema também nos traz à memória uma ligação interdiscursiva com *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *O quinze* de Rachel de Queiroz, romances que narram, assim como *A triste partida*, a trajetória de uma família de retirantes que, em ambos os casos, é guiada pela figura de um “pai de família”, o papel de chefe de família, quem toma

as decisões a respeito do destino de todos e, assim como os outros nordestinos já citados, é representado como uma figura de certa rusticidade, sobrevivente apesar das muitas dificuldades que enfrenta, “pobre” beirando a miséria, trabalhador que luta pelo sustento dos seus, explorado cotidianamente por patrões que lhe pagam quantias injustas e insignificantes por sua força de trabalho. Nessas relações, observamos o discurso que constrói a figura do nordestino retirante, tornando-o uma espécie de padrão social.

Por esses motivos, concluímos que a imagem discursiva do retirante retratada em *A triste partida* e o discurso do nordestino retirante marcado no poema decorrem de uma teia de memórias interdiscursivas e intertextuais reforçadas ideologicamente. A figura desse sujeito nordestino já foi mostrada em outros textos, que utilizaram o mesmo discurso do poema corpus, e que, assim como ele, são frutos de uma construção histórica e social de sentidos que retomam a mesma referência, apresentando outras figuras e temas, que apenas repetem de maneira reformulada o discurso e a imagem do nordestino retirante.

281

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ASSARÉ, Patativa do. **Cordéis e outros poemas**. Fortaleza: Edições UFC, 2006.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012a.

PECHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009.

PECHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**:

UMA LEITURA DISCURSIVA
DE A TRISTE...
Afluente, UFMA/CCEL, v.9, n.23,
p. 266-282, jan/jul de 2023
ISSN 2525-3441

uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PECHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 7. ed. Campinas – SP: Pontes, 2015.

PECHEUX, Michel. **Análise do discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015a.

PECHEUX, Michel. Abertura do Colóquio. In: CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean-Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean-Marie; PÊCHEUX, Michel (Org.). **Materialidades discursivas**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.



Recebido em 05 de maio de 2023.

Aprovado em 02 de novembro de 2023.

282